

Dr. Jim Spiegel, Filosofia da Religião, Sessão 14, Teísmo e Ciência

© 2024 Jim Spiegel e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a Filosofia da Religião. Esta é a sessão 14, Teísmo e Ciência.

Uma das questões controversas do nosso tempo tem a ver com a relação entre ciência e religião.

A ciência é uma ameaça à religião? As crenças religiosas podem ser reconciliadas com o conhecimento científico? Como observamos com os Novos Ateus, este é um dos seus principais argumentos: que de alguma forma a crença teísta ou qualquer tipo de orientação religiosa está em conflito com a ciência e que uma pessoa que é verdadeiramente racional, um pensador rigoroso, evitará a crença religiosa, qualquer tipo de compromisso de fé em relação ao reino espiritual, e acreditará apenas em um universo material e apenas nas libertações da ciência para nos dar qualquer conhecimento que tenhamos. Então, vamos olhar para esta questão. A ciência é uma ameaça à religião, especificamente o teísmo? As crenças religiosas podem ser reconciliadas com o conhecimento científico? Agora, há algumas perspectivas problemáticas que podemos notar desde o início.

Já falamos sobre cientificismo ou positivismo, a visão de que todo conhecimento deve vir por meio da ciência ou que todo conhecimento, se for conhecimento, deve ser pelo menos confirmável ou verificável cientificamente. Se uma alegação não pode ser provada cientificamente, isto é, por meio de testes empíricos, então ela não pode ser provada de forma alguma. Isso é cientificismo ou positivismo.

Já notamos que essa visão em si é problemática porque não satisfaz suas próprias demandas. Ela é auto-refutável. Você não pode provar a tese do cientificismo cientificamente.

Não é algo que pode ser confirmado empiricamente, então falha em seu próprio requisito. Uma segunda perspectiva problemática é a mentalidade do Deus das Lacunas, a visão de que a religião visa explicar o que a ciência não pode explicar. A teologia preenche as lacunas que permanecem após a explicação científica.

Um grande problema com essa abordagem é que ela assume que algo não pode ter uma explicação científica e teológica. Então, vamos dar uma olhada em alguns modelos de ciência e teologia. Como deveríamos conceber a relação entre ciência e teologia? Aqui estão três modelos que se encontram no contexto desta discussão.

Uma é a tese do conflito, que diz que ciência e religião são inerentemente opostas uma à outra e que é preciso escolher entre ser científico ou religioso. Não dá para ser ambos. Há um tipo de conflito inerente aí.

Em defesa dessa ideia, as pessoas frequentemente apelam para certos eventos na história da ciência onde houve um conflito entre religião e ciência ou a igreja e ciência, como na controvérsia de Galileu. A disputa no início do período moderno sobre se a Terra realmente se movia e girava em torno do sol em oposição ao sol e os outros planetas girando em torno da Terra. Os geocentristas versus os heliocentristas e aqueles na igreja do lado da religião favoreciam a visão geocêntrica.

Enquanto isso, a ideia copernicana defendida por Galileu foi a visão que desafiou a visão geocêntrica, e a ciência venceu. Galileu e os heliocentristas provaram estar certos, e isso só mostra que não podemos confiar na igreja ou na teologia nessas questões. Ou no caso do darwinismo e do surgimento da teoria evolucionista no século XIX, isso é frequentemente citado, bem como uma importante lição histórica de que há um conflito básico aqui.

Não só há conflito, mas pelo menos para aqueles do lado cético religioso, você deve sempre ir com a ciência sempre que houver tal conflito. Então há aqueles também que são pessoas de fé que afirmariam essa tese de conflito, mas dizem que devemos sempre ir com a religião ou teologia em vez da ciência. Mas há um conflito inerente na questão, e onde está o conflito na medida em que a teologia e a ciência às vezes entram em conflito?

Só porque teorias científicas às vezes entram em conflito com compromissos teológicos, não significa que a verdade do mundo contradiz a verdade bíblica. Em ambos os casos, estamos tentando interpretar um conjunto de dados, e criamos teorias de todos os tipos, às vezes científicas, às vezes teológicas. E se nossas teorias entram em conflito às vezes, isso não implica necessariamente que haja um conflito entre o mundo, a maneira como o mundo é, e o que as escrituras estão realmente ensinando.

Falaremos mais sobre isso em um minuto. Outro modelo para visualizar a relação entre ciência e teologia é o que pode ser chamado de tese da independência, que diz que ciência e teologia pertencem a dois reinos separados. A ciência investiga a ordem natural, e a teologia se preocupa com o sobrenatural, o reino espiritual e o reino moral para que eles nunca entrem em conflito.

Stephen Jay Gould, um paleontólogo de longa data em Harvard, propôs uma versão disso, a ideia de um magistério não sobreposto, que a ciência tem suas preocupações e a religião e a teologia têm outras preocupações e, portanto, elas não podem realmente entrar em conflito. O problema, porém, é que há algumas questões que tanto a ciência quanto a teologia investigam, e podemos ver isso

claramente nas escrituras. A Bíblia fala sobre certas questões relacionadas às origens cósmicas, à natureza humana, à origem das espécies e à ideia de um dilúvio cataclísmico mundial.

Há todos os tipos de eventos na história aos quais as escrituras se referem e descrevem que são adequadamente sujeitos a alguma investigação científica. Então, há alguma sobreposição aí, então a ideia de Gould de magistérios não sobrepostos não leva isso em conta. O terceiro modelo, que eu endossaria e que acho que a maioria dos filósofos cristãos da ciência endossaria, é um modelo interativo, que diz que ciência e teologia são abordagens interativas para a mesma realidade.

Ocasionalmente, eles fazem alegações concorrentes, e nesse caso, o que fazemos? Bem, precisamos olhar mais de perto as teorias que estão envolvidas em ambos os lados e ver onde uma pode corrigir a outra. Então, aqui está como eu representaria essa ideia de uma abordagem interativa para a ciência e a teologia. No nível do conflito, no nível da teoria, há algum conflito.

Uma teoria científica é um tipo de interpretação de alguma dimensão do mundo físico, quer estejamos falando de biologia, química ou física. E a teologia interpreta e tenta sistematizar as escrituras. Em ambos os casos, você tem alegações mais abstratas e gerais feitas para tentar organizar e ordenar os dados.

Mas isso, novamente, é tudo no nível teórico. Quando falamos sobre os fatos ou verdades reais do mundo físico e os fatos ou verdades da Bíblia, a ideia aqui é que não há conflito real. Novamente, o conflito surge no nível da teoria quando tentamos interpretar os fatos ou as verdades ou os dados das escrituras de um lado e o mundo físico de outro.

Então isso levanta a questão, como sabemos qual interpretação teórica deve corrigir a outra no caso de um conflito particular? Se minha teoria científica e minha teologia estão em desacordo, há algum tipo de conflito: a teologia deve corrigir a ciência, ou a ciência deve corrigir a teologia? Bem, aí temos que ir caso a caso, considerar todos os fatos que sabemos ou parecemos saber, e ser circunspectos sobre as inferências teóricas que estamos fazendo em cada caso. E estar aberto a correções de ambos os lados. Talvez haja algo problemático com minha teologia que a investigação científica esteja expondo.

Ou talvez seja o contrário. Há algo problemático com minha teoria científica que minha teologia está expondo. Então, o ponto é que qualquer um poderia corrigir o outro.

E é isso que o torna interativo. É um reconhecimento de que a ciência e a teologia às vezes lidam com as mesmas questões. Elas estão trazendo diferentes abordagens

metodológicas para as mesmas questões e estão dispostas a ter uma corrigindo a outra.

Ou talvez nos aponte em uma direção completamente nova para elaborar um paradigma teológico ou científico completamente diferente. Falando em paradigmas, vamos considerar algumas lições de Thomas Kuhn, que foi um filósofo da ciência muito influente no final do século XX. No início dos anos 60, ele publicou seu livro marcante, *The Structure of Scientific Revolutions*, onde Kuhn critica suposições populares sobre a natureza da ciência.

E algumas delas são pertinentes à questão sobre a relação entre ciência e religião. Então, aqui estão duas lições importantes de Kuhn, que eram altamente controversas na época. Uma é que a investigação científica não é neutra.

Que toda observação é, como ele diz, carregada de teoria. Nossas percepções do mundo são coloridas por nossas teorias sobre o mundo. O mundo que vemos ou os fenômenos que observamos no mundo, sejam biológicos ou relacionados à química ou à física ou qualquer outra coisa, o mundo que vemos é sempre interpretado por um paradigma.

Um paradigma é simplesmente um tipo de modelo teórico que é desenvolvido em um campo particular. Então, considere as teorias ptolomaicas em oposição às teorias copernicanas sobre a natureza da Terra: as visões geocêntrica e heliocêntrica.

A Terra está no centro do universo ou é um dos muitos planetas que giram em torno do sol? Quando um geocentrista sai e olha para o sol e atravessa o céu, ele parece ver evidências diretas para sua visão. Ele vê o mundo em termos de seu paradigma geocêntrico. Enquanto que quando um heliocêntrico ou heliocentrista observa os mesmos fenômenos, ele diz, bem, estamos indiretamente vendo a Terra girando em seu eixo.

É por isso que parece que o sol está girando em torno da Terra. Então, eles estão olhando para os mesmos dados, ou estão tendo uma experiência semelhante, mas estão vendo os fenômenos, estão vivenciando os fenômenos por meio de sua própria estrutura interpretativa ou paradigma. Outro exemplo ou ilustração é que você tem, digamos, um criacionista e um macroevolucionista indo ao mesmo zoológico, e o criacionista diz, uau, olhe para todos os diferentes animais que Deus fez.

Isso é incrível. E então, digamos, o darwinista vai ao mesmo zoológico e vê todos os mesmos animais e conclui disso, uau, não é incrível? O que a seleção natural pode produzir ao longo de eras de tempo com todos os tipos de mutações aleatórias?

Então, o criacionista e o darwinista estão olhando para os mesmos animais, mas eles estão, em certo sentido, vendo as coisas de forma diferente porque estão olhando

através de diferentes estruturas teóricas ou paradigmas. Kuhn usa a ilustração do pato-coelho, que é uma imagem que pode ser vista como um pato ou como um coelho, mas não ambos ao mesmo tempo. Você pode alternar entre eles.

E se você dissesse a alguém, ei, vou lhe mostrar uma imagem de um coelho, antes de você colocar isso na tela, eles teriam muito mais probabilidade de vê-lo como um coelho do que como um pato. Se você dissesse a eles antes do tempo, vou lhe mostrar um pato, então eles teriam mais probabilidade de vê-lo como um pato do que como um coelho. Então, os preconceitos que trazemos para a imagem do pato-coelho são uma boa analogia ao que Kuhn está falando aqui.

Nós sempre vivenciamos o mundo através de certas lentes teóricas. E isso é verdade para os cientistas, talvez até mais do que para outros. É apenas a natureza humana interpretar através de grades teóricas.

Outro ponto ou lição de Kuhn é que teorias científicas são subdeterminadas pelos dados. Muitas teorias diferentes podem explicar consistentemente os mesmos fenômenos. Teorias são escolhidas por causa de seu poder explicativo, coisas como seu ajuste geral, elegância, beleza e assim por diante.

Mas elas não são estritamente deduzidas. Teorias científicas não são simplesmente deduzidas dos dados. Há sempre um tipo de, de fato, um salto imaginativo que, na história da ciência, às vezes assume algumas formas muito humorísticas e dramáticas.

O cara que criou a configuração química, a orientação tridimensional para o benzeno químico, um cara chamado Kekulé, estava tentando descobrir como isso poderia funcionar. Ele estava fazendo todos os tipos de diagramas para tentar descobrir como você poderia ter esse benzeno químico com um número particular de moléculas de carbono e hidrogênio. Como isso funciona? Acho que C_6H_6 é sua fórmula química.

Mas não estava dando certo. É só uma cadeia reta. Então, ele estava cochilando na frente de uma fogueira um dia.

Você entra em um tipo de estado de sonho quando você adormece antes mesmo de estar completamente inconsciente. Ele imaginou ou sonhou com uma cobra no fogo que mordeu o próprio rabo, criando um anel. Ele tinha benzeno em mente e disse, talvez seja isso.

Ele sentou e esboçou. Com certeza, essa é a explicação. É como se um benzeno fosse um anel com ligações duplas alternadas.

Essa foi a solução para o problema dele, que aconteceu de uma forma muito aleatória e desleixada. A radiologia nasceu de uma forma igualmente fortuita e aleatória. Todos os tipos de descobertas científicas foram alcançadas de formas menos que racionais.

Isso é ir ao extremo, eu suponho. Na maioria dos casos, eles são meio que excepcionalmente aleatórios. Mas mesmo no caso em que um cientista procede racionalmente, procede mais sistematicamente no desenvolvimento de uma teoria, não é apenas uma dedução direta dos dados.

Há sempre um passo imaginativo aí. Quando teorias são desenvolvidas, elas são sempre teorias concorrentes que também explicam os mesmos dados. Mas a questão é: qual delas explica melhor os dados? Você tem essas, de fato, qualidades estéticas que são levadas em conta, como elegância.

Qual teoria explica os dados da forma mais simples? Algumas teorias são, você pode dizer, mais bonitas do que outras. Einstein enfatizou isso frequentemente. Se houver uma teoria grandiosa e unificada que una todas as ciências empíricas de uma forma muito eficiente e elegante, ela será conhecida por sua beleza.

Terá um tipo de excelência estética. Há também essa dimensão na teorização científica. E quanto às suposições que fazemos ao fazer ciência? Isso precisa ser levado em consideração também.

As pressuposições da ciência. Uma das suposições que os cientistas fazem, porque todo mundo faz, é o que é chamado de confiabilidade geral da percepção sensorial. Você não pode provar cientificamente que seus sentidos são todos confiáveis sem assumir desde o início uma certa confiabilidade de seus sentidos.

Você pode ir a um optometrista ou a um médico de ouvido, nariz ou garganta. Você pode ter seus ouvidos examinados e sua audição testada. Mas mesmo quando vai a um especialista para ter seus sentidos avaliados, você já está assumindo a confiabilidade geral de seus sentidos.

Então essa é uma suposição fundamental que devemos fazer. É um tipo de artigo filosófico de fé que até mesmo o cientista mais rigoroso precisa assumir que os sentidos são confiáveis. É um tipo de compromisso de fé.

A lei da causalidade afirma que todo efeito deve ter uma causa. Novamente, um compromisso de fé. Começamos com a suposição de que os efeitos têm causas.

Que a natureza é uniforme e que as leis da natureza permanecerão constantes. Que o futuro se assemelhará ao passado.

As leis da lógica são confiáveis e dignas de confiança; essas são todas suposições que devemos fazer ao fazer ciência e tudo mais. Então, essa é mais uma razão pela qual a ciência não pode provar tudo.

Por que o cientificismo deve ser falso. Porque há certas suposições que precisam ser feitas até mesmo para começar a fazer ciência que precedem a prática da ciência. Então, tudo isso deveria ser humilhante em termos da nossa visão da ciência.

Isso não é para minar a autoridade, o poder ou a importância da ciência, que tem conquistas extraordinárias, particularmente em termos de medicina, transporte e comunicações. É uma coisa incrível que você possa entrar em um avião comercial e voar de Nova York para a Califórnia em apenas algumas horas. Que podemos fazer cirurgias tão eficientemente quanto podemos, até mesmo cirurgias cerebrais, e curar todos os tipos de doenças.

Mas, apesar de tudo isso, a ciência tem seus limites. E é um método, tão poderoso e eficaz quanto é, que também depende de certos compromissos de fé, como essas pressuposições da ciência, mesmo que sejam artigos filosóficos de fé em vez de crenças teológicas.

Vamos agora nos voltar para algumas questões relacionadas à metodologia científica. Ao fazer pesquisa científica, podemos levar em conta considerações teológicas? Isso é apropriado? E como uma pessoa responde a essa pergunta determinará sua perspectiva sobre uma série de questões, incluindo o debate sobre as origens. Então, há dois tipos de naturalismo que devemos distinguir aqui.

Um é chamado de naturalismo metafísico, que é uma visão de que apenas o mundo físico existe. Que não há seres sobrenaturais, nem Deus, nem anjos, nem almas humanas imateriais. Outro tipo de naturalismo é apenas metodológico.

O naturalismo metodológico é a visão de que relatos científicos do mundo devem se referir inteiramente a fenômenos naturais sem nenhuma referência a agentes sobrenaturais. Há vários naturalistas metodológicos contemporâneos que são robustos em sua fé e em seu compromisso teísta ou mesmo cristão, mas enfatizam um tipo de naturalismo metodológico dessa forma que devemos limitar nossas explicações de eventos no mundo físico ao reino das causas materiais.

E que apelar a agentes sobrenaturais para explicar eventos como especiação ou consciência humana é desistir; é abrir mão do compromisso científico de apelar a uma alma humana ou apelar a uma criação divina especial. Então essa é a abordagem do naturalista metodológico. É fácil confundir essas duas formas de naturalismo.

Muitos naturalistas metodológicos são acusados de serem naturalistas metafísicos de armário ou inadvertidos. Mas, novamente, alguém poderia ser um cristão devoto e ainda ser um naturalista metodológico acreditando em Deus, anjos e almas humanas e ainda insistindo que toda a nossa investigação científica deve ser guiada por este princípio. Então, o naturalismo metodológico não implica naturalismo metafísico.

Então, novamente, um cristão ou qualquer outro teísta pode coerentemente afirmar o naturalismo metodológico. Mas o naturalismo metodológico é a melhor visão para o cristão ou outro teísta? Aqui estão os argumentos para o naturalismo metodológico. Um apela à natureza da ciência.

Diz que o objetivo da ciência é explicar fenômenos naturais em termos de outros fenômenos naturais. Então, apelar para entidades sobrenaturais é trapaça. Tive uma conversa com um ex-aluno que fez seu doutorado em filosofia da ciência em uma grande universidade de pesquisa.

E ele é um forte naturalista metodológico. Então, estávamos falando sobre isso. Enquanto ele me explicava sua perspectiva, ele disse, eu vejo assim: que a pessoa que apela a causas sobrenaturais para explicar, digamos, especiação ou mesmo consciência humana é como uma pessoa que está jogando futebol e corre para fora dos limites, digamos na linha de 15 jardas, e então para os bebedouros e seus companheiros de equipe estão na linha lateral e então de volta aos limites na outra ponta do campo.

A linha de 10 jardas vai para a end zone e diz, eu marquei. É trapaça. Você está saindo dos limites.

A natureza da ciência é tal que devemos sempre procurar causas naturais, não causas sobrenaturais de eventos. Minha resposta a ele quando ele me deu essa analogia foi que, isso não é uma petição de princípio? Ele está chamando isso de trapaça, mas quem disse? Com qual autoridade podemos ter certeza de que nunca é aceitável inferir a ocorrência de algum tipo de intervenção sobrenatural, algum tipo de causa sobrenatural? Quem disse que não é científico concluir que a consciência humana é explicada por um espírito ou uma alma que os seres humanos têm? E ele não conseguiu realmente me dar uma boa resposta para essa pergunta além de dizer, bem, é assim que a ciência é feita hoje em dia, pelo menos predominantemente. No entanto, no moderno, definitivamente no início do período moderno, não era visto dessa forma.

Os pais da ciência moderna eram quase todos teístas, muitos deles cristãos, e viam esse tipo de integração de sua teologia com a ciência que estavam fazendo como perfeitamente natural e apropriada. Então talvez seja a abordagem predominante agora, certamente na guilda científica na civilização ocidental, essa presunção muito

forte em favor do naturalismo metodológico. Mas só porque é onde estamos na história da ciência agora, segue-se disso que isso é absolutamente normativo para fazer ciência? Outro argumento para o naturalismo metodológico apela ao conceito de integridade funcional.

Howard Van Til e outros apelaram para esse conceito dizendo que Deus fez o mundo físico autossuficiente e capaz de operar por si só por meio do que chamamos de leis da natureza. Então, não precisamos apelar para nenhum agente sobrenatural para explicar qualquer fenômeno que encontramos. Alguns pontos sobre isso: isso apela para a integridade funcional.

É um pouco irônico que, para justificar essa abordagem naturalista metodológica, Van Til e outros dependam explicitamente de certas considerações teológicas. Ele também entende mal as leis da natureza como se as leis da natureza fossem entidades que pudessem realmente explicar qualquer coisa. As leis da natureza são descrições de fenômenos rotineiros ou regulares, que por sua vez precisam de sua própria explicação.

Por que existe uma lei do quadrado inverso? Por que existem forças nucleares fortes e fracas? Por que existem essas leis da termodinâmica? Isso precisa de uma explicação. Então, as leis da natureza não fornecem nenhuma explicação causal. Elas precisam ser explicadas.

Então, esses são alguns argumentos para o naturalismo metodológico e alguns problemas com cada um. Uma alternativa ao naturalismo metodológico é algo chamado ciência teísta. E essa é uma abordagem alternativa defendida por pessoas como Alvin Plantinga e outros que estão envolvidos no movimento do design inteligente.

A ciência teísta leva em conta considerações teológicas ao fazer ciência. E está tudo bem, nessa visão, fazer pesquisa científica à luz de qualquer outra coisa que se saiba, incluindo verdades teológicas. Acho que vale a pena notar que outras disciplinas estão abertas a contribuições da ciência e de outras disciplinas.

Isso é algo razoável. Na academia, prezamos e apreciamos abordagens interdisciplinares. Por que a ciência deveria ser uma exceção a isso? Como filósofo, quero obter informações da história e da ciência, das ciências sociais, da crítica literária e assim por diante.

Os historiadores querem obter informações da ciência, filosofia e assim por diante. Os teólogos querem obter informações de todos esses outros campos. Por que os cientistas não deveriam estar abertos a informações de todos esses outros campos, incluindo a teologia? A teoria do design inteligente, novamente, seria um exemplo de ciência teísta.

A teoria do design inteligente trabalha com questões tanto na natureza inanimada, falando sobre o ajuste fino do cosmos, quanto no reino animado e sistemas biológicos. Nessa visão, a evidência do design pode nos levar adequadamente a inferir uma causa sobrenatural, quer estejamos falando, novamente, sobre a origem das espécies ou da consciência humana ou da origem do universo. No contexto da biologia e dos sistemas vivos, há esse conceito de complexidade irreduzível que tem sido um assunto de muita controvérsia, mas que o teórico do design inteligente frequentemente aponta como evidência de causalidade ou explicação sobrenatural.

Para uma estrutura ou função que é tal que não há sistemas precursores mais simples que poderiam ter dado origem a ela. Você tem, no reino biológico, esses círculos complexos irreduzíveis de necessidade, por exemplo, de DNA para produzir RNA mensageiro, que é necessário para a produção de DNA. Como esse ciclo ou círculo extremamente complexo de função biológica começou em primeiro lugar? Isso é complexidade irreduzível.

Para concluir, quero dizer algumas coisas sobre os pensamentos de Alvin Plantinga sobre ciência e religião. Seu tremendo livro de cerca de 10 anos atrás chamado *Where the Conflict Really Lies*. Este pode ser o melhor livro que já li sobre o assunto de ciência e religião.

Sua tese neste livro é que há um conflito superficial, mas uma profunda concordância entre ciência e religião teísta, mas uma concordância superficial e um profundo conflito entre ciência e naturalismo. Então, qual é a fonte do conflito entre ciência e naturalismo? Normalmente, associamos os dois. Achamos que, bem, se alguém é um cientista rigoroso, por causa disso, pode ser tentado ao naturalismo porque essas duas coisas tendem a andar bem juntas.

Plantinga argumenta que, não, de fato, há um profundo conflito aí. Eles não combinam bem. Por um lado, esse provavelmente seria seu principal argumento: o naturalismo tem dificuldade em explicar essa suposição básica da ciência de que nossas faculdades cognitivas são confiáveis para investigação, que o pensamento reflete a realidade e que nossas faculdades cognitivas tendem a produzir mais crenças verdadeiras do que falsas.

Na verdade, eles são meio que voltados para esse lado. Eles visam a produção de crenças verdadeiras. É uma suposição que todos nós fazemos, não apenas cientistas.

Mas Plantinga notou que isso é problemático para o naturalista porque se você é um naturalista, você tem que ser um darwinista. É o único jogo na cidade que explica todas as diferentes propriedades e características de todos os organismos vivos, incluindo seres humanos. Então, se minhas faculdades cognitivas e tudo mais sobre mim são o produto da seleção natural, supervenientes sobre mutações aleatórias ao

longo de eras de tempo, então mesmo que isso tenha produzido um tipo de adaptabilidade em minha espécie ao ambiente, é muito benéfico na prática para mim ter as faculdades cognitivas que tenho.

Não garante que minha cognição esteja voltada para a verdade. Onde em toda essa história darwinista você pode obter qualquer tipo de confiança de que nossas faculdades cognitivas estão voltadas para, voltadas para a produção de crenças verdadeiras? O máximo que você tira disso é que nossa cognição é eficaz para a sobrevivência. No entanto, há muitas crenças falsas que podem ter grande valor de sobrevivência.

Um exemplo é, suponha que eu desenvolva, por qualquer razão, essa falsa crença de que se eu não pagar a hipoteca da minha casa até os 50 anos, serei capturado e jogado na prisão. Essa é uma crença ridícula. Mas suponha que eu forme essa crença quando estiver, digamos, no final dos meus 30 anos.

Garanto que quando eu tiver 50 anos, terei quitado minha casa. Não terei mais dívidas de hipoteca. Isso me beneficiará.

Isso beneficiaria qualquer um. Uma crença falsa pode ter muito valor de sobrevivência. Pode ser muito adaptável.

Podemos pensar em todos os tipos de outros exemplos. Só porque tenho essas habilidades cognitivas que são muito benéficas de um ponto de vista prático não implica que elas sejam voltadas para a verdade. Mas essa é uma suposição muito importante para a ciência de que nossas crenças que nossas faculdades cognitivas tendem a produzir são voltadas para a produção de crenças verdadeiras.

O teísmo pode explicar isso. O naturalismo não nos dá esse tipo de garantia, mas o teísmo dá porque um teísta acredita que Deus projetou os seres humanos à sua própria imagem, de fato, e que Deus estaria interessado em nos dar faculdades cognitivas que são adquirentes de verdade, que são voltadas para a produção de crenças verdadeiras.

Então, essa seria uma grande fonte de concordância entre ciência e teísmo, que essa crença de que, ou o fato de que a religião teísta é responsável por nossa crença de que a cognição humana visa a verdade. Também, a uniformidade da natureza. Essa é uma suposição que os cientistas fazem o tempo todo, mas que o naturalismo não pode dar sentido a nenhum tipo de confiança de que as leis da natureza permanecerão constantes ao longo do tempo.

Mas o teísta tem uma explicação fácil para isso. Deus ordenou o mundo de tal forma que essas leis da natureza permanecerão constantes e confiáveis ao longo do tempo, confiáveis para a prática da ciência, para que possamos fazer previsões sobre

fenômenos futuros, o que é essencial para a prática da ciência. E, finalmente, a eficácia da matemática na compreensão do mundo físico, que é um mistério absoluto para o naturalista, como é que todos esses cálculos muito complexos que são feitos por físicos mapeiam o mundo tão bem, de tal forma que quando você faz os cálculos, você pode estar confiante de que quando você faz o experimento, ele vai sair exatamente como você previu.

Albert Einstein previu que a luz de estrelas distantes seria afetada pela atração gravitacional do sol ao passar pelo sol como parte de sua teoria da relatividade. E quando isso foi testado através de um eclipse solar em agosto de 1919, em algum lugar na América do Sul, Einstein nem se preocupou em fazer a viagem até lá. E quando sua teoria foi confirmada, um de seus assistentes entrou em seu laboratório e disse, Dr. Einstein, sua teoria foi confirmada, sua teoria foi confirmada.

Assim como você previu, foi relatado que Einstein nem olhou para cima. Ele apenas continuou anotando algumas notas que estava fazendo em seu laboratório. E sua única resposta foi, oh, eu sabia que era esse o caso.

A matemática provou isso. Então, ele estava confiante apenas pela matemática de que essa afirmação muito controversa sobre o mundo físico era verdadeira. E esse é apenas um exemplo.

Todos os dias, em todo o mundo, cientistas fazem previsões baseadas em cálculos matemáticos, e nós simplesmente tomamos isso como certo. Mesmo na construção de estantes de livros ou fazendo algum tipo de reforma na minha casa, sempre que estou fazendo marcenaria ou o que quer que seja, lembro-me desse fato. Faço os cálculos matemáticos e, com certeza, se eu fizer com cuidado, o objeto que estou fazendo, o buffet que estou construindo ou as estantes de livros que estou fazendo saem exatamente como eu havia imaginado, porque o pensamento reflete a realidade na esfera matemática.

Como você explica isso? Bem, o teísta tem uma explicação, e é que Deus criou o mundo dessa maneira, e ele adaptou a mente humana e a cognição humana ao mundo de tal maneira que podemos estar confiantes de que o pensamento reflete a realidade. Agora, precisamos ser muito cuidadosos, estudiosos e rigorosos na maneira como fazemos nossa matemática e o resto do nosso pensamento, mas é assim que o mundo funciona. É porque Deus o criou dessa maneira.

O naturalista não tem uma explicação aqui ou sobre qualquer uma dessas outras coisas. Então, eu acho que esses são alguns pontos realmente bons que Plantinga faz sobre a profunda concordância entre ciência e religião, particularmente o teísmo, assim como um profundo conflito entre naturalismo e ciência. Então, isso encerra nossa discussão sobre ciência e religião.

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a Filosofia da Religião. Esta é a sessão 14, Teísmo e Ciência.